
PARTE II

«Motetes para um tempo de Paixão»
de Eurico Carrapatoso



Fontes & Documentos

A propósito da publicação de «Motetes para um tempo de Paixão» de Eurico Carrapatoso

Eurico Carrapatoso nasceu em Mirandela em 1962. Licenciou-se em História na Faculdade de Letras do Porto, mas foi no ofício da composição musical que encontrou o lugar dos seus talentos, ajudado por mestres como José Luís Borges Coelho, Cândido Lima, Constança Capdeville e Jorge Peixinho, com quem terminou o Curso Superior de Composição e de quem terá recebido, segundo as suas próprias palavras, a influência mais decisiva: “Foi a experiência mais marcante que tive. Tratava-se de uma das personalidades mais intensas e complexas da cultura portuguesa. Trazia para as aulas a energia fulgurante de quem praticava existencialmente a composição. A sua cabeça leonina era um turbilhão fantástico de ideias, de sugestões, de emoções, que sempre partilhou com uma generosidade quase infantil”¹. Esta influência não diz respeito ao mais óbvio, o idioma musical, já que na obra de Eurico Carrapatoso não proliferam os experimentalismos e os meios dilatados de expressão musical que caracterizam a geração do pós-serialismo. Mas não é difícil seguir na obra do discípulo o rasto da gestualidade lírica, da paixão pelo timbre, da vocalidade expressiva, do rigoroso controlo dos parâmetros harmónicos², do humor e erudição dos referentes simbólicos que habitavam a

¹Excerto de uma entrevista inserida na obra de Sérgio Azevedo, *A invenção dos sons. Uma panorâmica da composição em Portugal hoje*, Lisboa: Caminho 1998, 402.

²Jorge Peixinho, falava frequentemente, a propósito da sua própria obra, de “nova harmonia” (cf. *Arte Musical* 1, Outubro de 1995).

Alfredo Teixeira

prática criativa do mestre. Em termos idiomáticos, o ecletismo musical de Eurico Carapatoso remete para um universo estético com menos preocupações vanguardistas, num itinerário desinibido de uma “religação” explícita aos recursos tonais e modais enquanto hùmus do património musical ocidental.

As suas obras conheceram já várias distinções nacionais e internacionais: foi galardoado no *Festival Internacional de Música de Cantonigròs* (Barcelona,1995) e no *Cork International Choral Festival* (Irlanda,1998); representou Portugal na *Tribuna Internacional de Compositores da U.N.E.S.C.O.* (Paris), em 1998, com *Cinco Melodias em forma de Montemel*, e no ano seguinte, com *Deploração sobre a morte de Jorge Peixinho*, para grande orquestra, na interpretação da Orquestra Nacional do Porto sob a direcção de Mark Foster; venceu a “1.ª edição do prémio Lopes-Graça da cidade de Tomar” (1999) com a obra que a revista *Communio* agora edita, e ainda a “1.ª edição do prémio Francisco de Lacerda” (1999) — com as obras *Raios de Extinta Luz (elegia a Antero de Quental)*, estreada pelo *Csury Violin Duo*, e *Mare nostrum et mare vostrum*, para soprano, trompa, piano e orquestra de arcos.

O facto de uma parte do seu trabalho de criação ter sido pontualmente apoiada por instituições diversas tem garantido a possibilidade da sua atempada estreia, o que nem sempre tem acontecido com grande parte da criação musical contemporânea em Portugal. De entre o seu já significativo repertório gostaria de destacar: *Ciclo de Natal* (coro a cappella, 1991); *Petite Messe Naïve, pas solennelle* (coro de crianças, duas flautas e arcos,92); *In Paradisum* (arcos, quarteto vocal masculino solista e coro, 1994); *Timor et non tremor* (canções timorenses, coro a cappella, 1995); *Dez vocalizos para Leonor e arcos* (cordas,1996); *Três miminhos para Xanana* (coro infantil, piano e contrabaixo, 1996); *Das Ewig Weibliche* (cordas, 1997); *Cinco Elegias — a Bartok, a G. Tailleferre, a Webern, a Messiaen e a Stravinsky* (conjunto de sopros, 1997); *A canção da urze* (para orquestra sinfónica, 1998); *Sete melodias em forma de bruma* (soprano, trompa e piano, 1998); *Modos de Expressão Ilimitada I* (cordas, 1998); *Magnificat em talha dourada* (sublinhe-se que se trata de uma encomenda da St^a. Casa da Misericórdia na celebração dos 500 anos — para soprano, coro, 2 flautas de bisel, cravo e quinteto de cordas —, estreada em 24-10-98 na Igreja de S. Roque no Festival de Música de S. Roque, sob a direcção de Armando Possante, sendo solista o soprano Angélica Neto); *Modos de Expressão Ilimitada II* (grande orquestra, 1999); *Aver-O-Mar* (orquestra sinfónica, 1999); *Timor et tremor — quatro motetes para um tempo de Paixão*, (coro a cappella, 1999); *Suite d'aquém e d'além mar* (para marimba e cordas, 1999); *Salmo 150* (coro e orquestra, 2000); *Sete peças em forma de boomerang para saxofone e cordas* (2000); *Veni Creator Spiritus* (tenor, trompete e órgão, 2000); *Horto Sereníssimo - Annuntiatio B. Mariae V.* (soprano solo, flauta de bisel, quarteto satb e cravo, 2000); *A Jimi Hendrix* (guitarra, 2001); *Suite de Coloratura* (quarteto de contrabaixos, 2001); *Mentes, Peer!!* (música para a peça de Ibsen “Peer Gynt”, 2001 — obra que inaugurou o novo Teatro Aberto em Lisboa); *O Lobo Diogo e o Mosquito Valentim* (para soprano, barítono, narrador, coro infantil e orquestra clássica, baseada na fábula homónima de António Pires Cabral, 2002).

Este labor criativo deu origem a um primeiro conjunto de três séries de canções tradicionais portuguesas para coro a cappella: *Música Lampante n.º 1* (1993), *Música Lampante n.º 2* (1994) e *Música Lampante n.º 3* (1997). Seguiram-se cinco outras séries, quatro foram concluídas em 2000: *O que me diz o vento de Serpa — après une lecture de Rodney Gallop*; *O que me diz o vento mirandês — après une lecture de Francesco Landini*; *O*

que me diz o vento d'Arganil; O que me diz a calma que vai caindo. Uma quinta série ficou concluída em 2001: *O que me diz o vento d'Óbidos*. Renunciando à ilusão “folclorista” e à tentação de enredar essa música de tradição oral em contextos expressivos que lhe são completamente estranhos, Carrapatoso mostra sempre uma inteligência apurada do material musical que essas fontes lhe oferecem e uma particular atenção ao universo de afectos e práticas sociais que esses fragmentos da nossa cultura testemunham³.

A obra aqui publicada contém exemplos eloquentes desta honestidade estética. *Motetes para um tempo de Paixão*, introduzindo na sucessão dos motetes litúrgicos “tropos” constituídos por canções tradicionais portuguesas de índole religiosa, acaba por reunir dois impulsos salientes da poética musical de Eurico Carrapatoso: a revisitação dos textos litúrgicos latinos (sobretudo ligados aos ciclos de Natal e de Páscoa), no trilho de uma das suas figuras inspiradoras, Francis Poulenc; o trabalho sobre a música tradicional portuguesa, tal como Fernando Lopes Graça, que representa também uma das suas linhagens estéticas.

Em *Motetes para um tempo de paixão*, não encontramos um trabalho de “contrafactura” ou “paródia”, no sentido renascentista, em que uma canção popular poderia ser o mote para uma missa; nem se trata tão pouco de *collage*, no sentido dos experimentalismos da música do pós-guerra, onde abundou a produção de obras construídas a partir de jogos de sobreposição de elementos heteróclitos; trata-se antes de um jogo antifonal entre duas memórias — a tradição dos grandes dramas rituais do cristianismo latino e a memória de uma religiosidade popular ancorada — entre o céu e a terra — numa cultura comunitária que quase desapareceu, ou sobrevive folclorizada. Trata-se, assim, de uma obra religiosa que junta dois mundos que têm mantido profundas transacções entre si: a religião instituída e a religião pragmática “que se faz” no laboratório do quotidiano. Sem o pretender, o compositor acaba por corresponder a uma das orientações estético-musicais da doutrina do II Concílio do Vaticano, aquela que recomendava a preservação dos “tesouros” da liturgia romana e, ao mesmo tempo, o acolhimento das expressões musicais autóctones.

³ Discografia de Eurico Carrapatoso: *Perdidamente, Queda do império, Rua do capelão, Camisa amarela, Sonho azul, Porto sentido, Canoas do Tejo — Tetvocal*; Tetvocal (EMI/VC: 7243 8 321 40 2 0, 1994). *Caminhos cruzados, Chega de saudade, Eu vou-te amar, Este seu olhar, Samba do avião, Corcovado, Insensatez, Desafinado — Desafinados*; Tetvocal (EMI/VC: 7 243 8 38353 2 4, 1996). *Três Mimosinhos para Xanana — Loik*; Paula Coimbra/Pequenos Cantores da Academia de Amadores de Música (AAM: 1, 1996). *Cinco Melodias em forma de Montemêl, Duas porcelanas musicais, Sweet Rústica — Vocalizos, 20th Century Portuguese Music*; Ana Ferraz, soprano; António Costa, French horn; Gabriela Canavilhas, piano (MoviePlay: 3-11050, 1997). *Cinco Elegias*; Solistas de Lisboa (Numérica: NUM 1068, 1997). *Choradinha — Azul*; Sandra Medeiros, Lídia Medeiros, sopranos; Beatriz Almeida, alto (DRAC: 972-647-163-X, 1998). *Música lampante n.º 1 (4 Canções populares portuguesas)*; *Música lampante No. 2; Natal profano — Portuguese Folksongs*; Teresita Gutierrez Marques/Coro de Câmara de Lisboa (Numérica: NUM 1073, 1998). *Natal profano — Christmas Carols*. Teresita Gutierrez Marques/Coro de Câmara de Lisboa (Numérica: NUM 1082, 1998). *Drei Lieder ohne Worte — Música coral portuguesa do séc. XX*; Teresita Gutierrez Marques/Coro de Câmara de Lisboa (Numérica: NUM 1083, 1999). *Le tombeau de Germaine Tailleferre*; João Pereira Coutinho, flute; José Bon de Sousa, piano (La Mã di Guido: LMG 2042, 2000). Luís Meireles, flute; Eduardo Resende, piano (Numérica: NUM 1093, 2000). *Natal profano*; Artur Pinho/Orfeão Universitário de Aveiro (Public Art: 16000, 2000). *Sete Epigramas a Francisco de Lacerda — Contemporary Portuguese Music*. Opus Ensemble (PortugalSom/Strauss: SP 4350, 2001). *Le tombeau de Germaine Tailleferre — Música portuguesa para flauta e piano no século XX*; Joaquim Galvão, flute; João Luís Rosa, piano (Musicália: M.01.02.005, 2001). *Dez Vocalizos para Leonor e arcos* (version for violin, strings); *Das Ewig Weibliche; Modos de Expressão ilimitada; Sete Peças em forma de boomerang* (original version) — Leonoreta: *Obras d'Eurico Carrapatoso*; Vasco Azevedo/Sinfonietta de Lisboa (La Mã di Guido: LMG 2047, 2001). *Cinco Elegias — Portuguese Contemporary Music for Woodwind Quintet*. Galliard Ensemble (Deux-Elles: DXL 1025, 2002) *Aver-O-Mar — As encomendas do Festival Internacional de Música da Póvoa de Varzim*; Edição do XXV F.I.M.P.V. — Osvaldo Ferreira/Orquestra Sinfónica da Póvoa de Varzim (Numerica, 2003).

«A morte vem e não tarda»

Motetes para um tempo de Paixão é uma obra para soprano solista e coro *a cappella*. Está dividida em catorze números, sete deles em latim e os outros sete em português. Esta confrontação entre o sacro e o profano (popular se preferirmos), ou seja, entre o latim e o português, é uma abordagem habitual e recorrente na minha escrita, tendo-a já usado, por exemplo, no meu *Horto Sereníssimo* e no *Magnificat em talha dourada* com resultados para mim muito satisfatórios. Sinto-me assim realizado na minha identidade latina, em geral, e portuguesa, em particular. Aliás, a minha identidade clássica começa no facto espontâneo de ter nascido numa família que, para além de ser temente a Deus, se dedica tradicionalmente à olivicultura, à árvore da cultura e da civilização. Tal como as minhas oliveiras, esta música é antiga. Nasceu medieval.

Os números em latim (*Timor et tremor, In monte Oliveti, Tristis est anima mea, Vineam meam electam, Tenebrae factae sunt, Caligaverunt oculi mei* e *O vos omnes*) alternam com harmonizações de velhas melodias populares portuguesas do quadro da Paixão, extraídas dos *Cantares do povo português* de Rodney Gallop e do *Cancioneiro popular português* de Michel Giacometti / Lopes-Graça.

A temática é muito forte, muito densa: a atitude do homem perante a morte, por um lado, e a força profunda do maior baluarte do cristianismo que é a vitória sobre a morte, por outro. Este assunto excitou desde sempre a imaginação mais cava dos compositores, pro-

Eurico Carrapatoso

duzindo das páginas mais sublimes e impressionantes da história. Mas preferia citar neste momento aquilo que a inteligência anónima do povo alentejano, na sua finíssima sensibilidade, logrou no n.º 10, *Lírio Roxo*:

*A morte vem e não tarda,
Eu dela não me atemorizo,
Meu lírio roxo...*

Esta atitude desassombrada, associada ao imenso langor do modo mixolídio em que a sensibilidade musical do povo de Serpa a fixou, sempre me tocou na tecla mais funda que possa eu ter.

O ciclo encerra com *Alvíssaras*. Aqui está o naco da minha infância, único recolhido por mim, pela minha memória afectiva dos sons e do mundo, quando cito o impressionante canto responsorial entre o pároco e os feligreses da minha aldeia, durante a visita pascal: há trinta e tal anos atrás, a música alternava entre os versículos em latim que o meu tio padre Fernando, o pároco, cantava, com a sua voz tibia, e a resposta estrepitosa, *glissada* e aberta do povo de Alvites, num registo de bronze debruado a ouro pela *organum* paralelo de terceira e de quinta que saía da boca desdentada do senhor Firmino.

A estreia da obra aconteceu durante o “Ciclo de Música Sacra Viana 2002”, a 10 de Outubro de 2002, na igreja da Misericórdia de Viana do Castelo, sendo intérpretes o soprano Angélica Neto e o Coral de Letras da Universidade do Porto, sob a direcção de José Luís Borges Coelho.